



A Santa Sé

CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NA ABERTURA DA 5ª ASSEMBLEIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

26 de Setembro de 1980

1. Veneráveis Irmãos no Episcopado e vós todos caros participantes na sessão do Sínodo dos Bispos, que está para começar. Bom é podermos iniciar os nossos trabalhos entrando *no coração mesmo da oração sacerdotal de Cristo*. Sabemos qual e quão grande foi o momento em que Ele pronunciou as palavras desta oração. Reparemos contudo de que inaudito conteúdo elas estão cheias: «Pai Santo, guarda em Teu nome aqueles que Me deste, para que sejam um, assim como Nós» (Jo. 17, 11).

Quando a Igreja ora pela sua unidade, refere-se a estas palavras simplesmente. Com estas palavras pedimos pela união dos cristãos. E, servindo-nos destas mesmas palavras, recomendamos ao Pai, em nome de Cristo, aquela *unidade* que devemos constituir durante a assembleia do *Sínodo dos Bispos*, que hoje se inicia. e começa os seus trabalhos depois de longa e aprofundada preparação: os trabalhos sobre as tarefas da família cristã.

2. Este tema escolheu-se como conclusão- apresentada depois de aprofundado exame por parte do Conselho para a Secretaria geral do Sínodo - das *propostas* que tinham chegado à mesma Secretaria Geral do Sínodo por parte de muitos Bispos e das Conferências Episcopais. Este tema, durante as próximas semanas, deverá constituir a base das nossas considerações, também porque estamos profundamente convencidos que *por meio da família cristã a Igreja vive e cumpre a missão que lhe foi confiada por Cristo*. Por isso pode dizer-se com franqueza que o tema da presente sessão do Sínodo se encontra no prolongamento das duas sessões precedentes. Quer a evangelização, tema do Sínodo de 1974, quer a catequese, tema do Sínodo de 1977, nãd só são dirigidas à família mas dela recebem a sua autêntica vitalidade. *A família é o objecto*

fundamental da evangelização e da catequese da Igreja, mas é também o seu indispensável e *insubstituível* sujeito: o sujeito criativo.

3. Exactamente para isto, para ser este sujeito, não só para perseverar na Igreja e haurir nos seus recursos espirituais, mas para *constituir* a Igreja na sua dimensão fundamental, como uma «Igreja em miniatura» (*Ecclesia domestica*), a família deve de modo particular estar consciente da missão da Igreja e da própria participação nesta missão.

O presente Sínodo tem como objectivo mostrar a todas as famílias a peculiar *participação delas na missão da Igreja*. Esta participação comporta, ao mesmo tempo, a realização da finalidade própria da família cristã, quanto possível na sua plena dimensão.

Desejamos, por meio dos trabalhos da assembleia sinodal, reler uma vez mais o rico magistério do Concílio Vaticano II na perspectiva da verdade sobre a família nele contida, e também do aspecto da realização deste Concílio por parte das famílias. *As famílias cristãs devem plenamente encontrar o seu lugar nesta grande obra*. O Sínodo quer prestar um serviço, primeiro que tudo, com este fim.

4. «Constituímos um só corpo em Cristo, sendo individualmente membros uns dos outros» (*Rom. 12, 5*), ensina São Paulo na segunda leitura da liturgia de hoje. E por isso, mesmo que a reunião sinodal seja, por sua natureza, uma forma particular da actividade do *Colégio episcopal*, no âmbito desta assembleia sentimos particular *necessidade da presença do testemunho* dos nossos caros irmãos, que representam as famílias cristãs do mundo inteiro. «Possuímos dons diferentes, consoante a graça e as suas tarefas, há tanta necessidade da presença e do testemunho daqueles cujos «dons», segundo «a graça» do Sacramento do matrimónio a eles «dada», *são dons de vida e de vocação para o matrimónio e para a vida familiar*.

Ficar-vos-emos reconhecidos, caros irmãos e irmãs, se durante os trabalhos do Sínodo, a que nos dedicaremos segundo a nossa responsabilidade episcopal e pastoral, partilhades connosco estes «dons» do vosso estado e da vossa vocação, pelo menos mediante o *testemunho* da vossa presença e também da vossa experiência, *radicada* na santidade deste grande sacramento, que é a vossa parte: o *Sacramento*, quero dizer, *do matrimónio*.

5. Quando Cristo, antes da morte, no limiar do mistério pascal, pede: «Pai Santo, guarda em Teu nome aqueles que Me deste, para que sejam um, assim como Nós» (*Jo. 17, 11*), então pede de algum modo, talvez de modo particular, também *a unidade dos cônjuges e das famílias*. Pede pela união dos discípulos, pela união da Igreja; e o mistério da Igreja foi comparado por São Paulo ao matrimónio (cf. *Ef. 5, 21-33*). A Igreja, por isso, não só põe o matrimónio e a família num lugar particular entre os seus encargos, mas olha também para o Sacramento do matrimónio, de certo modo, como para o seu modelo. Inflamada *pelo amor de Cristo-Esposo*, pelo Seu amor «até à morte», a *Igreja olha para os Esposos*, que juram entre si amor até à morte. E considera sua

missão particular defender este amor, esta fidelidade e honestidade, e todos os bens que dele provêm para a pessoa humana e para a sociedade. E nela que, através da obra de educação, se forma a estrutura mesma da humanidade, de cada homem sobre a terra.

Eis o que diz, no Evangelho de hoje, o *Filho ao Pai*: «Dei-lhes as palavras que Tu Me deste e eles receberam-nas... e creram que Tu Me enviaste... E tudo o que é Meu é Teu, e tudo o que é Teu é Meu...» (*Jo. 17, 8-10*).

Não ressoa nos corações das gerações o eco deste diálogo? Não constitui ele o contexto vivificante da história de cada família e, por meio da família, de cada homem?

Não nos sentimos, mediante estas palavras, particularmente ligados à missão do próprio Cristo: de Cristo-Sacerdote, Profeta e Rei? Não brota a família *do coração mesmo desta missão?*

6. «Rogo-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, que ofereçais os vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus; este é o culto racional que Lhe deveis prestar» (*Rom. 12, 1*).

Este sacrifício e este culto testemunham a vossa participação no sacerdócio real de Cristo. Este não se exerce senão obedecendo àquela exortação, dirigida por Deus, Criador e Pai. A primeira leitura, tirada do Livro do Deuterónimo, diz: «Esta palavra está muito perto de ti: está na tua boca e no teu coração, e tu podes cumpri-la» (*Dt. 30, 14*).

E Cristo ora assim pelos seus discípulos: «Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal... Santifica-os na verdade... Eu consagro-Me por eles, para eles serem também consagrados na verdade» (*Jo. 17, 15-19*).

Eis, traçadas pela Palavra de Deus da hodierna liturgia, as tarefas que devemos apresentar às famílias cristãs na Igreja e no mundo contemporâneo:

— a consciência da missão, que deriva da missão salvífica do próprio Cristo e é desempenhada como serviço especial,

— esta consciência alimenta-se da Palavra de Deus vivo e da virtude do sacrifício de Cristo. Deste modo consegue-se um testemunho de vida, capaz de «consagrar na verdade»,

— esta consciência derrama o bem, que é o único capaz de «livrar do mal». A tarefa da família é, deste modo, semelhante à tarefa d'Aquele que, no Evangelho de hoje, diz de Si mesmo: «Enquanto estava com eles no mundo, guardava-os em Teu nome: Guardei aqueles que Me deste e nenhum deles se perdeu...» (*Jo. 17, 12*).

Sim! A tarefa de cada família cristã é a de guardar e conservar os valores fundamentais. E de guardar e conservar simplesmente o homem.

7. O Espírito Santo nos guie, e conduza todos os nossos trabalhos, durante a reunião que hoje começa.

Bem está que a iniciemos no coração mesmo desta grande oração «sacerdotal» de Cristo. Bem está que nós a iniciemos pela Eucaristia. Todo o nosso trabalho, durante os dias que vão seguir-se, será apenas serviço prestado aos homens: aos nossos irmãos e irmãs, aos cônjuges, aos pais, aos jovens, às crianças, às gerações e às famílias; a todos aqueles a quem Cristo revelou o Pai; a todos aqueles que «do mundo» o Pai deu a Cristo. «Eu rogo por eles... por aqueles que Tu me deste, porque são Teus» (Jo. 17, 9).

© Copyright 1980 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana